



Morto-Vivo

Renato Pera

com: **Manuel Fabrício**

make: **Kira**

figurino: **Taline Bonazzi**

Entre humor e terror, *Morto-vivo*, performance desenvolvida pelo artista e pesquisador Renato Pera para o Massapê Projetos, traz uma reflexão crítica sobre a violência da necropolítica cotidiana iniciada com a colonização e que teve seu clímax recente com a pandemia e os quatro anos de (des)governo do qual o Brasil está prestes a se livrar.

Seguindo uma linha de pesquisa desdobrada com projetos tais como *Sangue* de 2020, em que a voz de José Mojica Marins, pioneiro do cinema de horror brasileiro conhecido por seu personagem Zé do Caixão, descreve uma receita de galinha ao molho pardo - em referência ao uso do mesmo gênero pelo cineasta para criticar a ditadura dos anos 60/80 -; e *Rigor Mortis* de 2021, que pode ser visto como uma tentativa gamificada de extravasar a carga da pandemia; Renato Pera opera, com *Morto-vivo*, uma teatralização da violência neocolonial.

Usando os códigos clássicos do cinema de terror e uma estética popular remanescente dos videogames e da cultura de consumo de imagens e discursos impostos pela mídia, a figura do morto-vivo encenada aqui evoca, com seus gestos bruscos, fragmentados e sem rumo, uma incapacidade de processar uma violência inconcebível, insuportável, e também o arbitrário absurdo da opressão imposta às partes mais frágeis da sociedade, os marginais e marginalizados -os que assustam porque não se encaixam e escapam de qualquer tentativa de controle.

Diferentemente dos filmes de terror, o morto-vivo que se convulsa na nossa frente não tem contraponto, isto é, não pode ser definido por binarismos simplistas. Ele é a única figura representada. Estamos a sós, sem nenhum herói para orientar a narrativa, diferenciar o bem do mal, o bom do ruim, presos no mesmo espaço, no mesmo barco. *Morto-vivo* espelha, desta forma, cada um de nós e a sociedade concebida pelas estruturas de poder. Aponta para a ilusão de controle na qual a elite econômica se agarra. Paire, portanto, a pergunta: quem é o zumbi, agressor ou vítima?

Ao contrário do medo, provocado por algum objeto ou sujeito específico, Renato Pera usa o desconforto, o deslocamento, para trazer à tona uma sensação visceral que não tem razão definida: a angústia de algo que não conseguimos expressar, uma inquietude frente à carne putrefata que não queremos enxergar e não podemos controlar, o *horror vacui*.

.
. .
. .
. .
. .
. .
. .

Partindo da performance como lugar de resistência e de subjetividade, a proposta de *Morto-vivo*, marcada pelo vazio -ou seja pelo radicalismo de uma ação que não deixa vestígios -, traz nas suas entrelinhas, além de uma resposta à violência sistêmica, uma observação crítica sobre o sistema de circulação mercantil da arte - réplica *bling-bling* da sequência casa grande/senzala.

Passamos por anos pavorosos, ainda não acabaram e nem sabemos se vão, pois os mortos-vivos por definição não morrem. Resta-nos a arte, o gozo e o humor para sublimar o horror que se esconde nos cantos escuros da história, e amenizar o peso que esmaga a carne e aperta o coração.